

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 508

15-11-1915

Yuan-Shi-Kai

Quando, ha anos, se proclamou a república na China, houve um movimento geral de assombro. Por um vasto sistema de razões etnicas, politicas e religiosas, o Celeste Imperio era estruturalmente, de todos os impérios mundiaes, aquele que menos parecia harmonisar se com a organização de uma república democrática. Passaram-se tres anos de guerra civil,

em que a nova China procurou difficilmente o equilibrio de todas as suas forças politicas. Encontrou-o no dia em que, na mais alta magistratura do Estado chinéz, foi investido um homem virtuoso, sensato, inteligente e culto: Yuan-Shi-Kai. Agora, um telegrama de Paris traz-nos a noticia, não menos sensacional, de que a China, pelo

voto formidavel da maioria das suas provincias, decidira proclamar o presidente da república, Yuan-Shi-Kai, seu imperador. O Celeste Imperio das cabaias doiradas e dos papagaios de sêda, regressa plácidamente á sua fórmula de governo tradicional, — a única que sente e que compreende. Mas não será sobremaneira incômodo para a China ter de proclamar a Republica todas as vezes que precise de escolher um bom imperador?



França Borges

Não são raros em Portugal os homens ilustres; mas são raros em Portugal os homens coerentes. Morreu ha poucos dias um: França Borges. A vida do notavel jornalista republicano, que uma meningite tuberculosa acaba de extinguir em Davos-Platz, foi a afirmação rectilinia de uma coerencia e d'um caracter. Prestou á Republica, no periodo de propaganda, os mais assinalados serviços. Sofreu pela Republica, no periodo de organização revolucionária,

as mais duras perseguições. E entretanto, depois da vitória da causa que lhe custara saúde, nervos, entusiasmo, vida, — nada quíz aceitar da Republica. A nobreza do seu desinteresse, o orgulho da sua intransigência, a delicadeza da sua sensibilidade, o paradoxo da sua rudeza, os próprios defeitos das suas qualidades, fizeram de França Borges um caracter, — e d'esse caracter um exemplo vulgar. O diretor do «Mundo» pertenceu a uma rara categoria de homens que, na frase feliz de Adam Mickiewicz, «sabem ser os amigos mais leaes e os inimigos mais implacáveis».



A Grécia

Emquanto os sérvios heróicos se batem, a Grécia mantém, a despeito do seu tratado de aliança, uma atitude de vaga e antipática neutralidade, que seria deshonrosa para a nação grega, — se não fôsse por demais conhecido o divórcio entre a nação e o rei. Os ministérios sucedem-se, — Vinizellos, Zaimis, Skouloudis; é dissolvido o parlamento; o povo põe

o seu dilema ao monarca: «ou guerra fóra, ou guerra dentro». E' possível que o rei Constantino reconheça em breve quanto é perigoso pretender resolver com habilidades politicas uma questão que afeta profundamente a consciência e a dignidade d'um povo. Não estamos já no

século XV, em que os destinos das nações se regulavam pelos interesses familiares das dinastias ou pela vontade pessoal dos reis. Quem faz hoje a paz e a guerra não são as chancelarias; são os povos. E quando um povo encontra um embaraço á marcha da sua vontade, — elimina-o,



Atlântida

Portugal desconhece quasi completamente a literatura brasileira contemporânea. E, entretanto, pertencem á literatura brasileira alguns dos escritores que mais alto teem levantado o prestígio da lingua portugueza. Por que não se lerá em Portugal uma literatura onde resplandecem os nomes excelsos de Coelho Neto e de Olavo Bilac? Primeiro, porque em Portugal quasi não se lê. Depois, porque o livro brasileiro chega ao

mercado portuguez por tal fórmula onerado, que a sua aquisição se torna difficil. E ainda porque os homens de letras dos dois paizes — e em especial os nossos — embora conhecendo-se, admirando-se e respeitando-se, não têm sabido estreitar as suas relações intellectuaes e defender os seus interesses comuns. «Atlântida», o novo mensário dirigido no Brazil por João do Rio, em Portugal por João de Barros, e publicado sob o patronato dos ministros dos negocios estrangeiros; dos dois paizes, propõe-se realizar essa aproximação desejada e indispensavel. A vontade e a fé, que movem montanhas, — farão o milagre de estreitar um oceano.

JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

